

O CONCEITO DE VOCAÇÃO EM MAX WEBER

Silvia Eliane de Oliveira Basso *

BASSO, S. E. O. O conceito de vocação em Max Weber. *Akrópolis*, Umuarama, v. 14, n.º 1: jan./mar., 2006.

RESUMO: O presente artigo analisa o conceito de vocação a partir do caminho sociológico de Max Weber. Iniciamos por uma pequena apresentação do autor e de sua concepção acerca de ciência e conhecimento, e por meio de seus textos conceituamos vocação e passamos a análise da postura metodológica aconselhada por Weber e de suas limitações. Por fim, concluímos com a importância de tal reflexão para quem se compromete com a educação e orientação de jovens na escolha da profissão.

PALAVRAS-CHAVES: Weber. Vocação. Conhecimento.

THE CONCEPT OF VOCATION IN MAX WEBER

ABSTRACT: The present paper analyzes the concept of vocation from Max Weber's sociological principle. We begin by briefly introducing the author as well as his beliefs concerning Science and knowledge. Based on his text, we formed an opinion concerning vocation, and then we started the analyses of the methodological perspective proposed by Weber as well as its limitations. We concluded the importance of such reflection for those who are concerned about both education and the orientation of youngsters toward their profession choice.

KEY WORDS: Weber. Vocation. Know.

Introdução

Este texto pretende apresentar uma reflexão sobre um tema que, para o mundo da educação formal e do trabalho, têm sido uma constante preocupação e causa de discussão e estudo, principalmente daqueles que devem compartilhar ou se co-responsabilizar pela escolha dos estudantes, se e quando ela existe, do caminho profissional a seguir. Não desprezando os aspectos econômicos e políticos que permeiam tal discussão, o texto dará destaque especial a conceitos culturais, que indiscutivelmente são resultado de uma construção histórica, sobre o termo vocação. Para tanto, nos reportamos à valiosa contribuição da sociologia weberiana, que faz análise da construção histórica do conceito de vocação na modernidade, ligado ao desenvolvimento das idéias religiosas do protestantismo.

Max Weber nasceu em Erfurt, Turíngia, a 21 de abril de 1864. Seu pai, Max Weber, Sr., jurista e conselheiro municipal, vinha de uma família de comerciantes de linho e industriais têxteis da Alemanha Ocidental. As companhias intelectuais da casa e as viagens da família fizeram do jovem Max um precoce e descontente estudante. Aos quinze anos lia como os especialistas, tomando notas sobre as questões que considerava relevantes. Criticava os gostos vulgares dos colegas e era considerado um fenômeno pelos professores. Foi crismado na Igreja da mãe, mas tratava a religião objetivamente, tanto que neste episódio sua preocupação foi apenas a de aprender o hebraico para ter o conhecimento de primeira mão do texto original do Velho Testamento.

Entre a contestação da autoridade de professores, as discussões filosóficas, os estudos universitários e o serviço militar, Weber, habilitou-se para o Direito Comercial Alemão

e Romano.

Casou-se no outono de 1893 com Marianne Schnitger, filha de um médico e sobrinha-neta de Max Weber Sr., e não tiveram filhos. Iniciou magistério com a cátedra de Economia na Universidade de Friburgo e em 1896 também na Universidade de Heidelberg. Doente em 1898, passou longos anos afastados da sala de aula. Em 1904 volta à produção científica e escreve a primeira parte de *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo*. Em agosto desse mesmo ano Weber, a esposa e um grupo de amigos partiram para uma viagem cultural aos Estados Unidos. Essa viagem o impressionou muito.

De volta à Alemanha terminou a segunda parte de *A Ética Protestante* e em 1906, depois da eclosão da primeira Revolução Russa, escreveu dois grandes ensaios sobre este país. Manteve-se em intensas discussões intelectuais e em 1908 trabalhou na organização de uma sociedade sociológica.

Suas discussões estiveram sempre ligadas à ciência social como ciência da realidade, ou seja, negava a concepção de conhecimento absoluto. Todo e qualquer conhecimento estaria ligado a valores e interesses objetivos e a adesão a estes valores sendo uma questão de fé, convicção pessoal, subjetiva. Nem por isso o conhecimento deixaria de ser objetivo e tal objetividade se alcançaria no plano metodológico, ou seja, seria possível desde que o pesquisador se comprometesse a observar certas regras próprias da atividade científica, não cabendo à ciência fazer julgamento de valores, devendo restringir-se aos julgamentos científicos da realidade empírica e não da realidade como deveria ser.

* Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá - UEM; Professora de História na Universidade Paranaense – Unipar.

1. Vocação

É a partir dessa perspectiva que Weber apresenta a idéia de vocação como convicção pessoal e seu trajeto histórico.

Vocação como destino ou tarefa assinalada para cada um, sentido secular e moderno da palavra, apareceu nas traduções protestantes da Bíblia, primeiramente na tradução realizada por Martinho Lutero. Em alemão o termo é *Beruf* como atribuição, tarefa de vida confiada por Deus, campo definido no qual trabalhar – vocação. Em inglês a palavra é *Calling* com o mesmo significado. Distinto, porém, era o significado de *Vocatio* do latim tradicional, que tinha sentido de chamado divino para uma vida de santidade, especialmente em um mosteiro ou em função sacerdotal. Esta secularização de termos que eram antes destinados apenas ao sagrado, faz parte da discussão que norteou todo o trabalho de Max Weber e que faz dele o sociólogo referencial para os estudos da cultura moderna. Weber denomina todo este processo de apropriação mundana e racional de conceitos sagrados ou mágicos, como desencantamento do mundo, sintagma brilhantemente esmiuçado por Pierucci¹.

Processo iniciado no monoteísmo judaico, o desencantamento do mundo pode ser definido como desmagificação no campo religioso, ruptura com as formas mágicas ou sacramentais pelas quais o homem buscava sua salvação. Para Weber, os profetas judaicos iniciaram o que ele chama de eticização do mundo, ao estabelecer a crença em um único Deus que é ético e que assim leva um sentido religioso para dentro do dia-a-dia, uma condução do agir na vida ordinária.

[...] O racionalismo ético de Moisés, que consistentemente se oporá aos cultos agrários e aos ritos orgiásticos, vai se desenvolver no sentido de uma desvalorização crescente, na verdade uma repressão recorrente, dos momentos efêmeros e extracotidianos de emoção e embriaguez religiosas, procurando se internalizar nos indivíduos como *habitus* permanente da natureza ético-racional. (PIERUCCI, 2003, p.108)

Embora, não se detenha muito em tal análise, Weber deixa claro que este processo não avançou com o catolicismo medieval, posto que neste os sacramentos são fórmulas salvacionistas. Assim, coube ao protestantismo, dois mil anos depois dos profetas judaicos, completar a tarefa de desmagificação e de eticização religiosa do mundo, aspecto essencial para compreendermos a formação do conceito de vocação.

[...] Só o protestantismo ascético, dois mil anos depois dos profetas bíblicos, compartilhará com o judaísmo ético-profético a mesma repulsa à sacralização de toda e qualquer forma de mediação entre Deus e o homem, de toda graça mágico-sacramental (PIERUCCI, 2003, loc. cit.).

Por vezes desavisados, desinformados, ou ainda, pretensamente sabidos, somos levados a crer que Weber dedicava-se ao estudo de religião, ou ao racionalismo filosófico, quando na verdade seu campo de interesse, e o nosso neste artigo, é o como este processo de desencantamento do mundo, esta desmagificação da busca de salvação, levou a uma racionalização do agir, a racionalização prático-ética e prático-técnica, definidora cultural da mentalidade capitalista moderna. Weber está tentando nos mostrar a construção histórica do agir do homem moderno, construção esta iniciada pelos profetas bíblicos e consumada pelos reformadores dos séculos XVI e XVII.

Caminheemos então weberianamente. Martinho Lutero, em suas atividades de reformador, desenvolveu conceitos que despretensiosamente, aumentaram a ênfase moral em relação ao trabalho secular, o que sem sombra de dúvidas, refletia positivamente no desenvolvimento da economia capitalista, baseada no aumento da produção. Não queremos dizer com isto, e nem Weber quis, que todo desenvolvimento capitalista se deve ao impulso das idéias protestantes, mas justamente o que desejamos comprovar, posto que Weber e todos os estudiosos de sua obra já provaram, é que o desenvolvimento de uma ética protestante intra-mundana, esteve presente como valor-religioso na organização racional do trabalho, e da produção industrial na organização do mundo moderno. Ainda, é preciso dizer que o próprio Lutero condenava abertamente a usura e o acúmulo capitalista e que, portanto, suas idéias não podem ser reivindicadas como o espírito do sistema capitalista. Weber define assim o pensamento de Lutero:

[...] O indivíduo deveria permanecer de uma vez por todas na condição e na vocação em que Deus o houvesse colocado, e deveria restringir suas atividades mundanas aos limites a ele impostos pela condição de vida estabelecida. [...] crença cada vez mais intensa na divina providência, a qual identifica a absoluta obediência à divina vontade, com a aceitação incondicional das coisas como elas são. (WEBER, 2004, p.77).

Pelo tradicionalismo representado na idéia de Lutero, impondo restrições e limites às atividades mundanas, Weber buscou no puritanismo de raiz calvinista, elementos mais fortes que comprovassem a eticização religiosa do mundo, encontrando-os na teoria da predestinação:

[...] esse *decretum horribile* do Deus único pelo qual, “para a manifestação de sua glória, alguns homens e anjos são predestinados à vida eterna e outros preordenados à morte eterna”, doutrina que afetava de forma radical a concepção cristã de salvação. Compactada neste dogma estava a noção da absoluta liberdade de Deus para salvar ou condenar, exercida sempre-já muito acima do mérito ou da culpa das criaturas humanas, e muito além de sua capacidade de influenciá-lo com rituais e rezas, súplicas, chantagens, prestações ou oferendas (PIERUCCI, op.cit. p.195).

¹ Na obra *O Desencantamento do Mundo – Todos os passos do conceito em Max Weber*, Antonio Flávio Pierucci realiza uma análise rigorosa da criação e uso do sintagma desencantamento do mundo, demonstrando sua construção histórica e os significados que assumiram nos vários textos de Max Weber. Trabalho notável.

Para Weber foi esse o passo mais radical dado em direção ao desencantamento do mundo. Estabelecida a predestinação e destruída qualquer possibilidade de salvação por sacramentos, a única alternativa que restava ao homem era a adoção de uma prática de vida reta aonde o trabalho naquilo que lhe foi confiado por Deus, a sua vocação, era a única forma de manifestação da glória divina. Sua segurança neste fato e seu sucesso eram esperados, no que se chamava ascese intramundana, carregada pelo fato de que os bens materiais viriam também como apontamento divino, mas não para serem desfrutados.

Assim, a riqueza seria eticamente má apenas à medida que venha a ser uma tentação para o gozo da vida no ócio e no pecado e sua aquisição seria ruim só quando obtida com o propósito posterior de uma vida folgada e despreocupada. Mas como desempenho do próprio dever na vocação, não só é permissível moralmente, como realmente recomendada. [...] Querer ser pobre era, como foi mencionado várias vezes, o mesmo que querer ser doente; era reprovável em relação à glorificação do trabalho e derogatório quanto à glória de Deus (WEBER, op.cit. p.122).

A vocação não tem aqui apenas o caráter de conformidade que tinha em Lutero, mas é um mandamento divino. Deus reservou para cada homem uma vocação e este deve cumpri-la competentemente para a glória de Deus. Toda esta carga material poderia e deveria, no entanto, ser tão leve ao homem que este pudesse dela se despojar com facilidade. Aí residia também, o valor da conduta ascética – quanto mais riqueza acumulada maior era o desafio do crente.

Basta concentrarmos um pouco nossa atenção na história do desenvolvimento da sociedade capitalista, ou de alguns representantes deste sistema, como o próprio Weber cita a biografia de Benjamin Franklin (WEBER, 2004), para verificarmos o quanto esta ética ascética intramundana esteve, e está sob novas roupagens, presente nesta concepção de mundo e atitude diante da vida, chamada por Weber de espírito do capitalismo, sem esquecer, no entanto, da observação de que os reformadores não tiveram a intenção de assumir um projeto de reforma da sociedade, através do estabelecimento de uma nova ética.

Eles não foram os fundadores de sociedades de cultura ética nem propuseram projetos humanitários de reforma social ou ideais culturais. A salvação da alma, e só ela era o centro de seu trabalho e de suas vidas. Seus ideais éticos e os resultados práticos de sua doutrina eram todos baseados apenas nela, e eram consequência de motivos puramente religiosos. (Ibid. p.74)

A história caminha e Weber rastreia seu passo, e chegando em seu tempo nele diagnostica o desencantamento fatal do mundo produzido pelo conhecimento científico. Assim o desencantamento que havia sido produzido até então pela intelectualização religiosa, dando ao mundo e ao homem um sentido uno e único, passou também pelo desencantamento pela intelectualização científica. A ciência assume o papel de “naturalização” radical do mundo natural. O conhecimento científico é objetivo e não pode pretender dar sentido ao mundo.

[...] Weber expõe a lógica própria do moderno conhecimento científico que, numa atitude experimentalista-

instrumental, potencializada pelo cálculo matemático, reduz o mundo natural a mero “mecanismo causal”, desembaraçando-o com isso daquele sentido metafísico objetivo de “cosmos ordenado por Deus”. (PIERUCCI, op.cit. p. 144)

2. A vocação do cientista

Ainda tendo como ponto principal de sua discussão, o desencantamento do mundo pela religião e a formação de uma conduta de vida moderna no seu significado prático, Weber nos oferece também a possibilidade de discutir o que é vocação em seu tempo e especificamente, o que é vocação na ciência ou ainda, qual a vocação da ciência. Como cientista e professor, Weber deixa agora de ser nosso mediador na compreensão dos conceitos dos reformadores para tornar-se ele mesmo nosso instrutor direto.

Antes de qualquer coisa, sua fala, que é para nós fundamentação teórica para a discussão sobre vocação, estará sempre pautada na idéia, já aqui apresentada, de que a ciência não pode fornecer qualquer sentido ao mundo, posto que isso é tarefa sem base científico-racional apresentada por visões de mundo filosóficas, religiosas, metafísicas ou ideológicas. Eis, por tanto o primeiro “mandamento” daquele que pretende assumir o trabalho científico: a ciência é irreligiosa, não dá sentido ao mundo e não é um caminho para Deus.

[...] a ciência como caminho “para Deus”? A ciência, essa força especificamente irreligiosa? Que a ciência de hoje é irreligiosa ninguém duvidará no íntimo, mesmo que não o admita para si mesmo. A libertação em relação ao racionalismo e intelectualismo da ciência é a pressuposição fundamental da vida em união com o divino. (WEBER, 1963, p.169)

Essa constatação de que dedicar-se à ciência é estar sempre em busca, é nunca chegar a uma solução ou resposta total, numa área que nunca realiza, que não tem fim, é na sociologia weberiana, a escolha que o cientista deve fazer, a realidade com que deve conviver se atendeu a esta vocação, sendo a vocação da ciência o não dar sentido ao mundo.

Na ciência, sabemos que as nossas realizações se tornarão antiquadas em dez, vinte, cinquenta anos. É esse o destino a que está condicionada a ciência: é o *sentido* mesmo do trabalho científico, a que ela está dedicada numa acepção bem específica, em comparação a outras esferas de cultura para as quais, em geral o mesmo se aplica. Toda “realização” científica suscita novas “perguntas”: *pede* para ser “ultrapassada” e superada. Quem deseja servir à ciência tem de resignar-se a tal fato. (WEBER, Ibid. p.164).

A especificidade da ciência em Weber é algo que tira o sentido do mundo, como ele mesmo afirmava, mas parece também atribuir o sentido capitalista ao universo científico. A eficiência ao mais alto grau e a determinação da pesquisa por mecanismos que transformam a universidade em empresa estatal, denunciada por Weber ao comparar a carreira do professor universitário alemão com a do norte-americano, parecem nos dar mostras dessa situação.

Reina nos Estados Unidos da América, em oposição ao nosso, o sistema burocrático. Logo no início da carreira, o

jovem cientista recebe um pagamento.

[...] Durante os anos de juventude é que o assistente se vê literalmente sobrecarregado de trabalho, exatamente porque é remunerado.

[...] Ultimamente podemos observar nitidamente que, em numerosos domínios da ciência, desenvolvimentos recentes do sistema universitário alemão orientam-se em conformidade com padrões do sistema norte-americano. Os grandes institutos de ciência e de medicina se transformaram em empresas de “capitalismo estatal”. É impossível administrar essas empresas sem dispor de recursos financeiros consideráveis (WEBER, 2003, p.26-27).

Interessante notar que essa visível mudança na atuação do professor universitário incomoda Weber, mas não passa de uma averiguação. No estilo de atuação do professor alemão do tipo *Privatdozent*, gozava-se de muito mais liberdade para atuar e para estudar, em contrapartida os alicerces dessa liberdade eram plutocráticos. Somente jovens de fortuna poderiam arriscar uma carreira universitária onde deviam subsistir por seus próprios meios (WEBER, 2003, p.26). O *Privatdozent* montava seu curso sem preocupar-se com a quantidade de alunos e depois de admitido² não podia ser dispensado.

Assim como acontece em outros setores de nossa vida, a universidade alemã se americaniza, sob importantes aspectos.[...]

São inegáveis as incontestáveis vantagens técnicas dessa evolução, que se manifestam em quaisquer empresas que tenham, simultaneamente, características burocráticas e capitalistas. No entanto, o novo “espírito” é diverso da velha atmosfera histórica das universidades alemãs. Nota-se um abismo, tanto visto de fora quanto visto de dentro, entre essa espécie de grande empresa universitária capitalista e o professor titular comum, de velho estilo. Isto é perceptível até na maneira íntima de ser. Entretanto, não quero descer a pormenores. (WEBER, op. cit. p.28).

O caráter de dedicação apaixonada pela pesquisa científica é outra das qualidades que deve ter o dedicado a esta função. A vocação íntima para a ciência é marcada pela especialização rigorosa, que partindo de um entusiasmo sincero e profundo, serve como pré-requisito à inspiração, à ocorrência de uma idéia que nos chega inesperadamente, mas sempre como fruto de uma busca incessante. O dedicar-se exclusivamente à ciência marca a personalidade que deve ter o pesquisador. Toda essa preocupação de Max Weber foi apresentada em conferência³ à alunos de universidade, o que nos alerta para o caráter do texto, não como uma série de conselhos apenas, mas como o resultado de reflexões de um cientista que, cremos, tinha vocação para a ciência.

As considerações de Weber foram feitas e alinhavadas nos campos de várias ciências, sempre com o intuito de demonstrar, que estando ligadas ao progresso incessante, nenhuma das ciências modernas pode dar sentido

ao mundo e, portanto, ao menos por aí, não podem justificar ou motivar a dedicação profissional de um cientista, mesmo com objetos de estudo claros, definidos e experimentáveis.

“A ciência não tem sentido porque não responde à nossa pergunta, a única pergunta importante para nós: o que devemos fazer e como devemos viver?” É inegável que a ciência não dá tal resposta. A única questão que resta é o sentido no qual a ciência “não” dá resposta, e se ela ainda poderá ou não ter alguma utilidade para quem formule corretamente a indagação. (WEBER, Ibid. p.170).

Assim, aqueles que buscam no mundo um sentido, não tem vocação para dedicar-se à ciência posto que a vocação do cientista é continuar a desencantar o mundo, a roubar-lhe o sentido.

Até mesmo a atuação no magistério, serviu à Weber, como forma de expressar a ação de um profissional dentro de sua vocação. Assim, dirá ele, cuide-se um professor para não transformar-se em um profeta e sair a ditar verdades absolutas ou em um demagogo e então proferir discursos políticos, valendo-se dos alunos como platéia inexperiente. “Quem quiser ‘visões’, que vá ao cinema! [...]. Quem quiser ‘sermões’, que vá ao convento!” (WEBER, 2004). Entendemos que Weber não transforma o professor em apolítico mas, ao mesmo tempo, afirma não ser a sala de aula, espaço para discurso político.

“Considero irresponsabilidade explorar a circunstância de que, em benefício de sua carreira, os alunos têm de freqüentar o curso de um professor onde não há ninguém presente para fazer-lhe críticas. A tarefa do professor é servir aos alunos com o seu conhecimento e experiência e não impor-lhes suas opiniões políticas pessoais.” (WEBER, op.cit. p. 173)

Esse posicionamento chamado de neutralidade valorativa é visto por outros estudiosos como uma das contradições do sistema weberiano. De acordo com Herbert Marcuse (1998), não se trata de incompetência ou inseqüência por parte de Weber, mas o transparecer da posição política do cientista que não conseguiu ser tão neutro quanto talvez desejasse. Para manter a pureza da ciência era preciso estar comprometido com a verdade, e o conhecimento de Weber sobre a sociedade o levava conseqüentemente a críticas veladas ao sistema capitalista. Era preciso reconhecer, e ele o faz em diversos textos, a interferência externa, o poder do Estado, por exemplo, na ciência.

[...] a análise do capitalismo industrial de Max Weber mostra que o conceito de neutralidade científica, ou melhor, impotência científica, não poder ser mantido frente ao dever, ao ideal: a formação conceitual filosófico-sociológica, pura, axiologicamente neutra em seu próprio desenvolvimento se converte em crítica de valores e vice-versa: os conceitos científicos puros, axiologicamente neutros, desvendam os valores neles contidos – convertem-se numa crítica existente dado à

² Para ser admitido na categoria de Privatdozent na Universidade Alemã, o interessado deveria escrever e defender perante banca, uma monografia. Os cursos montados por ele depois da admissão deveriam levar em consideração as áreas afins aos estudos realizados.

³ Conferência sobre A ciência como vocação proferida como parte de uma série de conferências organizada em Munique pela “Freistudentische Bund in Bavaria”, uma associação de estudantes liberais com tendência à esquerda, no dia 7 de novembro de 1917.

luz do que o dado faz aos homens (e às coisas). O “dever-ser” se mostra no “ser”: o esforço tenaz do conceito provoca a sua manifestação. (MARCUSE, 1998, p.114-115) (Grifo do autor).

No entanto, a insistência de Weber na neutralidade é em seu discurso ponto inquestionável, e só passaria a ser refutada com mais energia pelos estudiosos sociais do século XX, tais como Marcuse.

A universidade, por exemplo, devia manter-se em posição apartidária por sua imensa responsabilidade em relação à formação dos jovens. Weber aponta o problema da Alemanha onde o Estado era o maior, quando não o único, provedor do sistema educacional, inclusive o superior. Assim, se havia sido o Estado o grande propiciador da estrutura do sistema universitário, era também ele o centro do poder político e isso exigia dos responsáveis pela universidade uma atenção redobrada para que não servisse ao interesse de nenhuma bandeira política.

As universidades não têm, como tarefa sua, transmitir qualquer ponto de vista ou opinião que seja quer “hostil ao Estado”, quer “favorável ao Estado”. Elas não são instituições destinadas à inculcação de valores morais absolutos ou fundamentais. Elas examinam os fatos, suas condições, leis e inter-relações; examinam os conceitos, seus pressupostos lógicos e seu verdadeiro significado. Elas não ensinam e não podem ensinar o que deveria acontecer – uma vez que isso é matéria de valores e crenças fundamentais, de pontos de vista essenciais, que não podem ser “demonstrados” como uma proposição científica. (WEBER, 1989, p. 69-70).

A ação social é para Weber a questão, o ponto que pode ser estudado, averiguado, analisado com objetividade. Assim a universidade, o professor, o cientista, o profissional que responde corretamente à sua vocação é aquele que não se desvia do sentido de suas ações e das conseqüências das mesmas nas relações sociais. Algo mais que isso, como inquirir pela determinação do sentido da ação de cada um, não é objeto da ciência, e sim da filosofia.

3. Conclusão

Todas essas considerações, apresentam-se-nos, não como verdades absolutas, já que isso seria contradizer o que até agora foi dito, mas é inegável, por outro lado, a atualidade das idéias desenvolvidas por Weber, e indispensável afirmar a importância de apresentá-las como contribuição à análise do tema vocação e de toda a preocupação que o envolve, entre os jovens que iniciam um processo de escolha, ou de adaptação às possibilidades apresentadas pelo mundo das profissões. Identificar o caminho histórico pelo qual tal assunto ganhou corpo e ter pistas do que isto pode significar, na sociedade capitalista atual, é estar mais apto a não iludir-se diante de modismos ou apresentações parciais da idéia de cumprimento de vocação como sinônimo de sucesso.

Weber nos traz o processo histórico do conceito de vocação, com rigor científico de quem se impõe a necessidade de escolher com que verdade quer conviver, e é isto de que se ocupa este texto, no entanto, não queremos e nem podemos, nos isentar do fato de que muitos outros fatores pesam enormemente sobre os ombros desses que

devem iniciar uma caminhada no mercado de trabalho, já que por condições sócio-econômicas absolutamente desiguais, muitos simplesmente não chegarão à discussão sobre tal tema, pois já estarão excluídos dos bancos escolares, onde tudo deveria estar começando. O que também não quer dizer que a escola, única e exclusivamente, tem sido responsável pela exclusão, mas que com certeza cabe à ela, ao menos esta fundamentação teórica para quem lá estiver e dela necessitar. Todas essas questões extrapolam a possibilidade de fazer-se aqui essa discussão, já que isso, nas palavras de Weber é do campo da filosofia (e viva a filosofia), mas as levantamos como essenciais à todos aqueles que pretendem honestamente discutir o assunto sem fugir dos problemas, ou seja, a todos os professores, que como diria Weber, estiverem comprometidos a oferecer à seus alunos “conhecimento e métodos” e não “milagres e revelações”, para que, por exemplo, ao lermos em uma revista de circulação nacional um artigo sobre o talento e sua ação definidora de sucesso, não acatemos tal premissa como única e verdadeira condição para o sucesso profissional.

“Algum talento todo mundo tem. O principal é descobrir qual é o seu e saber usá-lo”, diz o consultor Luiz Wever, um dos diretores da empresa Ray & Berndtson no Brasil, especializada em gestão de talentos. O mundo real mostra que ele tem razão. As histórias de sucesso profissional em geral apresentam um enredo parecido. São sagas de alguém que identificou algo que sabe fazer bem, conseguiu canalizar esse dom para a carreira e, principalmente, descobriu que essa qualidade estava sendo muito valorizada no mercado de trabalho. (REVISTA VEJA, 2004).

Visão parcial, tornamos a dizer, como quem diz ao aluno: “seu sucesso depende de você”. Engodo diria Adorno, onde o avanço científico, iniciado no iluminismo, até mesmo esmiuçando biologicamente o ser humano, tenta traçar o mapa genético de seu talento, sem, no entanto, dizer das possibilidades sócio-econômicas da maioria em desenvolvê-lo ou não.

Hoje, quando a utopia de Bacon de podermos “ter a natureza na práxis a nosso mando”, concretizou-se em proporções telúricas, torna-se manifesta a essência da coação, por ele atribuída à natureza não dominada. Essa essência era a própria dominação. O saber, que para Bacon residia indubitavelmente na “superioridade do homem”, pode passar agora à dissolução dessa dominação. Mas, face a semelhante possibilidade, o iluminismo a serviço do presente transforma-se no total engano das massas. (HORKHEIMER; ADORNO, 1991, p.30).

Buscar, identificar, avaliar, demonstrar e comparar, são algumas das atitudes que nos estaria aconselhando Weber, para que possamos realmente contribuir, não na montagem de um mapa ou de um teste, que possa definir a área em que deve ou não tal pessoa atuar, mas do que pode conhecer a respeito de como essa pretensa escolha, se temos liberdade para tal, ou ainda essa determinação divina de tarefa, chegou a existir e acabou, como tantas outras coisas, por tornar-se um produto vendável – as empresas querem de nossas vocações se aproveitar, e os consultores de nossas incertezas estão

vivendo. Eis-nos aqui no mundo do qual somos criaturas e criadores, que a nossa vocação seja para criar, mesmo que mais dúvidas.

4. Referências

HORKHEIMER, M.; ADORNO, Theodor W. Conceito de Iluminismo in: **Textos Escolhidos**. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. – (Os pensadores; v. 16).

KOSTMAN, Ariel. A Descoberta do Talento. **Revista Veja**, São Paulo, Editora Abril, ano 37, n. 26, p.91-98, jun.2004.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **Considerações sobre a sociologia de Max Weber**. Net. Seção Artigos. Disponível em <<http://www.sociologia1.hpg.ig.com.br/textos/weber.htm>> Acesso em 21 jul.2006.

PIERUCCI, A. F. **O desencantamento do mundo** – todos os passos do conceito em Max Weber. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

_____. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

_____. **Ciência e política** – duas vocações. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

_____. **Sobre a universidade: o poder o estado e a dignidade da profissão acadêmica**. São Paulo: Cortez, 1989.

Recebido em: 12/09/06

Aceito em: 10/10/06